

Um Suplemento da Alma: Os 9 Fundamentais de Julien Friedler

Texto traduzido e resumido por Vitoria Mendonça de Barros de um texto escrito por Julien Friedler chamado "Le Supplément d'Âme".

Este texto foi produzido para participação na mesa redonda do evento "Forma e Vida Humana" realizado no MuBE em novembro de 2009, onde se discutiu a obra do artista plástico Julien Friedler com a presença do próprio autor, da cineasta Raquel Gerber, de Vitória Mendonça de Barros e do artista plástico Eduardo Werneck."

1. Um suplemento da alma: "O que é isso?"

No lugar de uma definição abstrata, sempre redutora, nós nos esforçaremos aqui para ilustrar um lugar de emergência: um conglomerado de afetos, de pensamentos e de sensações, nascidas de um encadeamento de atos que interrogavam o status do artista.

Na ocasião, nossa visão se paralisará sobre uma imagem."

Loncopue, uma cidade pequena da Patagonia – 27 de outubro de 2007: Jorge Orlando Bagli, caminhoneiro e zelador da escola local, está parado ao lado de uma escultura de sua autoria que representa um índio *Mapuche*, e é seu próprio rosto que está retratado nela. Ele ganha um prêmio por ela no "Be Art" que é organizado pelo *Espírito de Boz*.

Enquanto isso, ainda em Loncopue, Ida responde ao questionário da Floresta das Almas e o faz de um modo muito pessoal. Nesse momento mágico e inesquecível, Ida reina e aproveita o instante e silenciosa ela sorri.

"Uma semana antes, Loncopue ignorava tudo da Floresta das Almas, e provavelmente hoje ela já tenha esquecido. Isso não impede: naquele dia, sob o olho da câmera, Ida fazia, sozinha a experiência de uma outra vivência. Era como se sua vida se separasse, se liberasse do fluxo cotidiano. Como se repentinamente, o tempo tivesse suspenso seu curso, para nos permitir entrever outras possibilidades, nascidas de uma sensibilidade diferente."

Depois, Munique, 18 de junho de 2007: as fotos de Ida e Bagli, a escultura Mapuche, os desenhos de Ida e seu filho Daniel, e seus questionários junto com obras de outros artistas que participavam do concurso "Be Art". Muitas pessoas acostumadas às grandes obras viram naquele dia as obras dessas pessoas comuns e se admiraram.

"De novo, alguma coisa interrompia, abalava os hábitos, e bloqueava os automatismos. Estas interpelações não eram, por certo, fortuitas. Elas testemunhavam um olhar, um estado de espírito, por vezes uma certa inquietude que era como a réplica invertida dos sorrisos de Bagli e de Ida. Sem querer, eles geraram aquilo que nós procurávamos desde o início: um 'a mais' simbólico difícil de negociar, nascido de um deslocamento das fronteiras. Diremos: um 'suplemento da alma'.

Neste caso preciso ele (o artista) conservava uma forma precisa: *'a de ir procurar a arte, lá onde nós menos esperamos encontrá-la'*. Isso vai responder ao desejo do artista de alargar seus horizontes, de partir para a aventura, de tentar uma volta inédita sobre as rotas escarpadas de nossas vidas. Nós a conceberemos, sobretudo semelhante ao movimento inicial destinado a se desenrolar e desenvolver, até a irradiação do conjunto do *Espírito de Boz*. Como tal, esse será nosso primeiro passo.

Uma forma de centelha.

Nosso 1º Fundamental."

2. A Visão: Sonharemos em seguida uma Visão. Uma Visão instantânea, singular e ilimitada que dará nascimento a uma obra em forma de labirinto, hipertextual e multimídia. Uma visão cristalina e sincrônica que confrontará o artista a uma tarefa irredutível: uma longa viagem onde todo o *Espírito de Boz* será testemunha. – A Floresta das Almas – Serão as respostas de milhões de almas de diferentes pontos da Terra a seis questões que serão colocadas em caixas de metal que permanecerão empilhadas em colunas colocadas num ponto do planeta: testemunho silencioso de milhares de respostas encarnadas por vozes que jamais serão escutadas.

"Estaremos assim nos confins do imaginário e do real. Os discursos voavam, se cruzavam, se imbricavam uns nos outros para chamar atenção e nos levar para outros lugares, muitas vezes desconhecidos.

O instante era espantoso.

Ao se confrontar ali, permanecemos gelados de estupor.

Pressentíamos um olhar.

Um olhar estranho e paradoxal. Um olhar próximo e longínquo ao mesmo tempo. Um olhar voltado para o interior. Um olhar, nascido de uma fonte desconhecida que, pouco a pouco, ganhava consistência, se desdobrava e se inflava para melhor vos invadir e se derramar, qual uma torrente ou um mar barulhento. O olhar de uma Visão que, oblíquo e resplandecente, constituirá nosso 2º Fundamental"

3. Um Combate: Entretanto o *Espírito de Boz* não será obra de uma só pessoa. Esperamos que outros virão juntar-se a nós para se federar em torno de um ideal comum. Assim o artista não estará sozinho no cume de uma montanha ou encerrado na sua torre de marfim. Ele será, ao contrário, um homem que se engaja e se insurge. Juntos, homens e mulheres marcados pelo sofrimento do mundo que perdeu seu rumo e que perde seus valores. Assim, o *Espírito de Boz* é o lugar e o fruto de uma visão, mas não se reduzirá a ela porque ele é um chamado para a um combate interior que sonha com o *'Clochard Celeste'*. Esta obra estará voltada para o desespero do outro, constituído de esboços realizados por pessoas em situação de desespero.

O combate será também exterior, voltado para o outro onde ele estiver: com seu talento, fraquezas, seus preconceitos, suas marcas cegas e seus desejos.

Este combate, segundo o *Espírito de Boz*, será uma "injunção a ser unida, além do que separa e isola. Seus conteúdos – não serão outra coisa que a ocasião, o pretexto, de uma reaproximação, de um retoque, de uma recreação para o outro.

Os ideais dessa obra, como suas estratégias, estão orientadas em função de parâmetros precisos. A saber: uma espiritualidade moderna não dogmática, propícia às sociedades em constante mutação.

Assim, o *Livro de Boz*, alfinetará, denunciará e combaterá sem piedade: pela palavra, pela ironia, o humor e a poesia.

Imagino que esse combate sagrado seria o 3º Fundamental.

4. O Humor: o humor será obrigatório e acontecerá de mil formas o que repercutirá no conjunto da obra. Presente na *Floresta das Almas*, ele será onipresente no *Livro de Boz* – o Jack Balance, a personagem – e se apresentará das mais diferentes formas e declamará historietas: com calma, destreza e perseverança. Seu papel será ao mesmo tempo defensivo e subversivo: defensivo para evitar os pregadores, as “santas palavras” e os fanáticos e, subversivo para combater nossos preconceitos, nossos automatismos e nossos medos.

Depois das histórias contadas, o riso virá fácil, as pessoas presentes rirão muito, um riso atordado, “mas também: um “rir da alma”, onde todo o *Espírito de Boz* fará eco.

Um riso iconoclasta e extático.

Um riso extraído da fonte original da vida.

Um riso sagrado aos sotaques da liberdade.

Diremos: nosso 4º Fundamental.

5. O Mistério: Chegamos então a uma encruzilhada, isto é, como explicitar um mistério sem deflorá-lo? O problema é árduo e requer uma aproximação específica: uma expressão livre, quase onírica, próxima de uma política da terra queimada. Na ocasião, não saberemos nada demonstrar, circunscrever ou delimitar, porque o perímetro é infinito e se abre sobre o nada: um olhar singular, tecido de sombras. Que possamos realizar efetivamente o texto de que já falamos antes. O que eles exprimem verdadeiramente? Uma sensibilidade, uma maneira de ser, uma visão particular do mundo: aberta, oferecida, muitas vezes radical. Uma visão que alterna sombra e luz. Entrevemos assim a procura extenuante de um sentido perdido, de um saber que se apaga à medida que progride Pouca coisa sabemos com certeza e nada é evidente. Como se organiza nosso discurso? O que ele traz de novo que pudesse nos ajudar? Cada avanço, parece, deve ser acompanhado por um colocar em questão: uma marca cega que, desejada ou não, desfila e se desloca na inteireza da obra. Onde tudo isso nos leva e por quê? Mistério.

Que formatos tomarão essa obra? Os mais diversos: textos, quadros, vídeos, performances, produtos derivados e música.

É sabido que um saber precisa, muitas vezes, se velar para melhor nos instruir e assim máscaras, enigmas e charadas lhe serão próprias. Não pretendemos nunca o Saber absoluto e nem seremos o condutor dos movimentos nem das pessoas. A nossa cura se fará quando cada “um se curar a si-mesmo”. Nos liberaremos, nos livraremos dos tics, dos pré-julgamentos de todos os gêneros, dos slogans para podermos traçar a nossa própria vida. “Uma luta, á flor da pele, um tambor batendo a cada hora do dia e da noite, em nome de um ideal a reconquistar. Um ideal de serenidade e paz, defendido sobre seus flancos, para toda a espessura de um Mistério.

Espirituais, enfim. Nos inquietaremos. Nos interrogaremos. Nos questionaremos sem relaxar sobre nosso ser no mundo. O que podemos

saber? O que podemos esperar? O que devemos fazer? Do fio na agulha, encaixando nossos passos, descobriremos então a delicada palavra da história: um espaço irreduzível e transcendente; um chamado ao Outro, reiterado sem parar (A Floresta das Almas); uma escuta renovada e refrescada por uma práxis inédita."

"A alteridade é radical e incontornável. Sem ela nada saberá viver ou morrer.

A ALTERIDADE, isto é: um Outro não especular.

No Grande Livro dos Comentários (CGL), nós a teremos evocado nestes termos: um Sujeito, sem fé nem lei, aliviado do peso da história.

Seja, um novo mistério.

Sim, se preferirmos: o inverso de uma Visão.

Nosso 5º fundamental."

6. O Ícone: Alguns de vocês já devem ter pressentido que existe uma estrutura comum que rege os "nossos fundamentais": o pensamento é sempre acompanhado de uma experiência que faz o projeto andar para frente num movimento espiralado que se nutre dele mesmo na medida do possível. O Ícone se coloca aí: um fio que se liga a uma Visão, instantânea e global que ela tenta encarnar sem jamais conseguir realizá-la. Melhor que isso: ela será uma faísca na noite que poderá cegar alguns seres e iluminar outros, dada as modalidades complexas e difíceis de identificar. O Ícone tem uma multiplicidade de imagens que surgem no tempo e que são tributárias de uma época e que se aglutinarão, serão substituídas, e se amplificarão para materializar o impossível: uma realidade eterna.

O *Espírito de Boz* será dotado de uma iconografia luxuriante que usará com um máximo de liberdade para um fim idêntico: fará uma demonstração daquilo que o ser não saberia. Os ícones serão muitos, ambíguos e poderão se multiplicar, se acumular em rede criando um sentimento de vertigem: um transe essencial, congelado à beira do abismo. Será um ato iconoclasta, deixado voluntariamente em suspenso, pois como juntar o Vazio e sua Representação? Que forma plástica lhe atribuir, que não seja repentinamente ilusória?

O que ele seria então? Seria visível, identificável e reparável podendo mesmo assinalar sua ultrapassagem: um olho à escuta, um olho aberto, aberto sobre o indizível: o olho do Profeta. Quer se trate de uma performance do Jack Balance, ou de um quadro da palavra dos Anjos, ou de uma estrela da Floresta das Almas, a estratégia permanecerá a mesma: uma interrogação lancinante, destinada à abrir um caminho novo.

Nossa proposição será a seguinte: um artista dessacralizado e desidealizado, à imagem de um barqueiro, um nada provocador. Uma arte cuja estética seja luminosa, furta-cor, brincando com todos os registros, evolucionante como um trem, viravoltante, dançante e rodopiante; uma estética do caos, onde as formas se misturam e se confundem. Ela é uma pedagogia do ícone, próxima do humor: um projeto, dentado como um serrrote, atrelado a uma Visão específica: uma elevação do espírito que não seja um voto piedoso. Ou ainda: um flamejamento colorido, destinado a se depurar.

"Nos ateremos então à "transvaloração de todos os valores", e eis aqui os principais argumentos: uma projeção do campo da arte no campo social, às avessas da "Arte Pop" que repatriou os ícones populares (uma caixa de sopa) num recinto para privilegiados; um reposicionamento do artista que

usando o passado para o futuro, dará uma guinada: uma arte revivificada, populista e arrebatadora. Com, por epicentro: um sonho de liberdade. Um percurso no qual as obras, como tais, servirão de marco: antes de mais nada a tempestade e as chamas, depois a calmaria, e enfim, a paz: a obra a mais bela que seja.

Um abrigo.

Um refúgio.

Uma porta de ligação.

O instante crucial onde tudo báscula para renascer de outra forma.

Em verdade, a ocasião de um destino."

Nosso 6º fundamental

7. A Totalização do Sagrado: "Não diremos jamais: o coração do *Espírito de Boz* jamais permanecerá a via interior e sua relação com um Criador enigmático, imperceptível, cujo semblante atravessou a história. Um Criador com múltiplos rostos, surgido desde a orla, e onde o pensamento no homem permaneça onipresente, apesar das mudanças de forma. Da idade das cavernas à *New Age* corre um mesmo refrão: uma expressão do sagrado, sem esta redução do fio, retrabalhado, e colocado na frente, de maneira a produzir um mito fundador. Aqui duas posições se enfrentam: um vazio tecnológico, que vos cola à pele, e vos condena ao abjeto: ser um pedaço de carne abandonado no Universo. A opção contrária supondo um sujeito, fora da matéria, responsável por ele mesmo. Um sujeito, calcado à imagem de um Outro hipotético, mas incontornável.

Imaginaremos assim uma travessia do espelho feita de um reencontro, de um chamado, de um sentimento de estranheza, seguida de uma procura incansável."

..."Como pensar então uma espiritualidade moderna, nascida no presente?

Sobre quais bases edificá-la?

Como defini-la? Já dissemos: aqui existe um combate e este não será sempre suave.

Nossa intuição: um retorno massivo do religioso suficientemente amplo, potente e penetrante para abalar nossas certezas e permitir uma redistribuição das cartas. Tendo por horizonte: uma totalização do sagrado, com o objetivo pacificante (pacificante porque unifica) e uma mundialização do espírito, aberto a todos (não dogmático, mas rigoroso). Assim muitos pontos teológicos deverão ser discutidos abertamente para que costumes antigos sejam clarificados e despoluídos de antigos reflexos. Outras práxis deverão ser consideradas para prevenir o mal que nos ronda (a raiva de si dos três monoteísmos) e novos modos de pensar deverão ser inventados e alternativas inesperadas colhidas para que se redesenhe um novo mapa das 'espiritualidades' resolutamente atuais e adaptadas à nossos estilos de vida.

Isto seria uma utopia?

Caminhar sempre em frente tendo em vista o nosso projeto: a inscrição do divino num microcosmo – *Espírito de Boz* – nas competências universais. "Um microcosmo concebido como uma matriz de idéias, uma nova forma de ver, de sentir e de agir. Tanto isso é verdadeiro que podemos crer na dúvida e ter fé sem saber.

Falaremos então de uma lenda.

Evocaremos uma procura inspirada.

Quando os mais delicados sonharão com uma Visão intangível. Uma Visão da qual somos os depositários. Uma Visão que nos terá ditado uma obra atípica,

destinada a se mover, à se transformar e à se metamorfosear no fio do tempo." Nessa obra estarão presentes simbolicamente todos os conhecimentos e práticas que contam nos livros sagrados de todas religiões incluindo aí o mundo das imagens arcaicas e alucinadas que evocam o transe e seu médium: o shaman.

"Sem esquecer a meta dessa operação: gerar um '*suplemento da alma*' cuja amplificação, a perlaboração e o vivido visarão à única coisa que vale: um apaziguamento interior, colocando as paixões a distancia.

Nosso verdadeiro ideal."

O 7º fundamental.

8. A Amizade: "Sem amizade, *Espírito de Boz* se enfraquece. A obra murcha, seca e acaba por morrer. Só subsiste os objetos, os traços efêmeros, algumas relíquias ou fetiches, destinados a desaparecer.

Seja.

Mas, como evitar?

O humano pode resistir ao tempo que passa?

Imaginaremos então um fio fraco religando as pessoas sensíveis ao nosso processo. Sonharemos com um mosaico de conteúdos, heteróclitos na aparência. Algumas vezes, um fragmento de texto. Outras vezes, um gesto ou uma expressão ligados a uma performance. Em alguma ocasião um quadro ou uma escultura. Alguns, dado os feitos do nosso trabalho, se ligarão a um tema emblemático: a saga de *Jack Balance*, a procura iniciada com a *Floresta das Almas*, ou ainda, as oferendas ritualizadas pelo *Give up*. Tantas oportunidades próprias a engendrar as sinergias: os comentários, as discussões, as trocas onde a proliferação serão partes constituintes de uma obra em gestação."

Esta obra levará em conta cada obra em si e estará em permanente mutação levando em conta o imaginário de cada um. Essa obra dará oportunidade para todos os protagonistas melhor se conhecerem e, sendo interativa nas suas raízes, estará próxima das pessoas e às suas preocupações. "O objetivo do universo do Boz é gerar encontros, novas ligações e uma *convivialidade* inédita: falaremos então de uma simpatia difusa, se desenvolvendo na horizontal, ao sabor do acaso e dos destinos. Lúdico, o *Espírito de Boz*, agradará alguns. Profundo, ele apaziguará outros. Misterioso, ele interpelará os terceiros.

Ao sabor, das afinidades, dos amores e das dores de uma vida vivida com os outros."

Assim, devagar e cuidadosamente esse fio frágil vai se tornando mais forte porque as amizades não nascem repentinamente e é preciso anos para se constituir e se fortalecer.

Num segundo tempo, será diferente: não mais um mosaico, mas uma Visão no coração do humano. O sonho será um puro olhar voltado para dentro que permitirá juntar, reagrupar. Pensaremos numa experiência interior voltada para o coletivo, uma experiência difícil, mas também uma experiência ensolarada, plena de cores e de vida que poderemos percorrer aos milhares. "Pouco a pouco, muitos quererão se aprofundar e traçarão outros caminhos, forjarão outros rastros e inventarão trajetórias inesperadas.

Que eles quererão compartilhar.

Isto porque a ligação vai pouco a pouco de modificar.

A empatia será mais forte.

A solidariedade também."

...“Nascida de uma confrontação comum ao essencial, trabalhada por múltiplos desejos, enriquecida por outros pensamentos, isso sim nos aproximará uns dos outros.

Assim, um grupo pequeno, capaz de passar ao estágio seguinte: a transmissão de uma palavra, de uma visão de mundo, voltada para o futuro. Então, e então somente, poderemos falar de amizade.

E assim, de onde viemos? E para onde vamos?

Questões banais.

Questões baratas.

Questões desinteressantes?

Em verdade, questões cruciais, gravadas nas nossas almas. Para o melhor e para o pior. A cada instante de nossa existência.

Ao crepúsculo.

Ou, na aurora.

Em pleno sol.

Ou, nas sombras.

Nas portas do inferno.

Ou, no seio do paraíso.

Mas, sempre, na borda de um sonho, de um desejo ou de uma esperança... de amizade.

A Amizade: o fundamental dos fundamentais.

O coração do *Espírito de Boz*.”

9. O Estrangeiro: “O Estrangeiro não será um amigo, antes um guardião.

Nosso universo, ele o observará do exterior. Fronteiriço, ele perenizará assim nossa inquietude. Ele será, sobretudo, uma garantia para o futuro.

O que advirá, com efeito, do *Espírito de Boz*?

Será ele esquecido?”

Esse espírito que se constrói hoje vai perecer? Provavelmente, mas não certamente.

Essa obra construída a muitas mãos poderá ressurgir e sua idéia será aquela de uma disjunção, de uma ruptura no tempo, de uma transmissão decalada, descentrada e conforme nossas premissas: “um desconfinamento pessoal, uma desalienação progressiva, nascida de uma abertura ao Outro.

O Outro: uma alteridade radical.

Segundo nós: um puro Estrangeiro.

Um Desconhecido.

Um espírito longínquo, capaz de resistir às inércias de cada um...”

Nesse caso, só o estrangeiro poderá ousar e nos surpreender. Deveremos mesmo tudo construir? Desta resposta dependerá o destino de todo o *Espírito de Boz*.

Pode ser que nosso rebelde seja um Anjo, e longe do combate seu charme terá outra fonte: a inocência, a pureza, a capacidade de espantar e de amar. Ele se interrogará de novo? Devemos construir tudo?

Estrangeiro entre os estrangeiros, ele será um paria, um marginal, um ser evoluindo nas margens. Quase um fantasma.

Vindo dele, um só gesto será suficiente para nos salvar.

“Um dia, esse dia chegou e nós perdemos todas as chaves: uma penca de chaves bem grande: chave de casa, chave do escritório, chave do cofre, chave do atelier, etc. - uma verdadeira catástrofe. Ficamos para fora e ainda a penca de chaves se foi nos esgotos”. Pedi ajuda a todas as autoridades de onde eu moro que tudo fizeram para encontrá-la. Nada, as chaves se

perderam para sempre. Fico perplexo e desanimado quando alguém me toca docemente e eu me viro e vejo um pequeno homem de uns 20 anos e com síndrome de Down vestido com um macacão rosa, um boné preto, uma peruca branca e um sorriso encantador. Este homem explica que é um colecionador de objetos os mais diversos: pedras, conchas, bolinhas de gude, chapéus, martelos e chaves de fenda. Mas o que ele realmente gosta é da sua coleção de AMANTES. Ele tem milhares, alinhados no seu quarto como se fossem soldados numa parada. Repentinamente, ele me pergunta se eu quero que ele vá procurar um deles, de preferência o maior.

Onde você mora, lhe pergunto. Aqui perto, a dois passos daqui, ele me responde. Assim dito, assim feito, ele volta com o instrumento preso a um cordão rosa: é meu molho de chaves que muitos procuravam.

Eu fiquei espantado, pois subitamente percebi que ali estava o *Espírito de Boz*: "um sonho povoado de palhaços, de mágicos e de encantadores: um sonho ao longo do qual caminhar com uma aventura inédita, renovada ao acaso de um encontro, perfeitamente inesperado.

Dizemos: um trisonômico, um simples de espírito, um inocente perdido nos limbos.

Ou então: um perfeito estrangeiro.

Um santo.

Uma sentinela.

Um doce combatente.

Segundo nós: o futuro guardião das chaves, um ser estranhamente sábio e luminoso.

Na realidade, nosso 9º fundamental."

Questões formuladas pelo artista Julien Friedler para o projeto *Floresta das Almas*:

1. Deus existe?
2. Como você caracteriza o período em que vivemos?
3. Como você vê o futuro?
4. Você é feliz?
5. A sexualidade é importante?
6. Quem sou eu?